

## **O QUE PODE A EDUCAÇÃO FÍSICA NO TERRITÓRIO? VISIBILIZANDO CONEXÕES ENTRE PRÁTICAS CORPORAIS, VIDA E CUIDADO**

*WHAT CAN PHYSICAL EDUCATION DO IN TERRITORY? CONNECTIONS BETWEEN BODILY PRACTICES, LIFE AND CARE*

*¿QUÉ PUEDE LA EDUCACIÓN FÍSICA EN LO TERRITORIO? CONEXIONES ENTRE PRÁCTICAS CORPORALES, VIDA Y CUIDADO*

**Valéria Monteiro Mendes<sup>1</sup>**

*valeriamm@usp.br*

**Laura Camargo Macruz Feuerwerker<sup>1</sup>**

*laura.macruz@gmail.com*

**Edna Maria Santos<sup>2</sup>**

*ednacuper@gmail.com*

**Aline Amâncio de Lima<sup>2</sup>**

*aamanciol.aline@gmail.com*

**Yara M. Carvalho<sup>1</sup>**

*yaramc@usp.br*

**<sup>1</sup>Universidade de São Paulo (USP)**

**<sup>2</sup>Casa Popular de Cultura de M'Boi Mirim (CPC)**

**PALAVRAS-CHAVE:** *Práticas Corporais e Território, Produção da Vida, Cartografia.*

### **INTRODUÇÃO**

O modo hegemônico de fabricar o cuidado e as políticas públicas tem produzido distanciamentos das questões e invenções relacionadas à vida em diferentes territórios, resultando na deslegitimação de formas de convivência, de conformação de coletivos e de lutas que pautam temas desconsiderados por alguns coletivos. Problematiza-se a construção de diálogos com as questões, desejos e saberes que constituem as existências visando à composição de ações mais compartilhadas e cuidadoras (FEUERWERKER, 2014), incluindo a educação física que ainda enfatiza nos serviços de saúde ações medicalizadoras, tecnicistas e homogeneizadoras, apesar das aproximações com as ciências humanas e sociais e a saúde coletiva (MENDES; CARVALHO, 2016).



## OBJETIVO/METODOLOGIA

Partilhar experiências de uma Casa de Cultura, bairro de Piraporinha, zona sul de São Paulo, visibilizadas com pesquisa de doutorado na Faculdade de Saúde Pública da USP. Metodologia: cartografia e os procedimentos observações (diário de campo), acompanhamentos e conversas (entrevistas) (ROLNIK, 1989).

## ANÁLISE/DISCUSSÃO

Comunidade e movimentos sociais fundaram em 1984 a entidade “Casa Popular de Cultura de M’Boi Mirim” almejando um espaço para cultivar modos de cuidar, defender e proteger os elementos constitutivos da vida dos moradores da região como a cultura afrodiáspórica, nordestina e os saberes da cultura popular. Tornou-se o primeiro espaço cultural da região com gestão comunitária e referência para outras Casas, sendo vinculada em 1992 à Secretaria Municipal de Cultura como “Casa de Cultura de M’Boi Mirim” e coexistindo como entidade e equipamento da Prefeitura. Dos grupos e atividades, citamos: Flor de lis e Espírito de zumbi (capoeira, percussão, dança afro, festa do Panelafro); baile da 3ª idade; tai-chi; teatro; café filosófico da periferia; samba da cultura; cine campana; movimento de moradia e grupos intermitentes definidos pela Secretaria.

Trataremos do grupo Flor de lis pois sua experiência permite interrogar a educação física em sua relação com a produção da saúde. Em 1996, uma psicóloga (realocada de um centro de convivência dadas mudanças na saúde municipal) concebeu tal grupo, que ainda coordena, como um espaço de convivência que resultou do compartilhamento das experiências, histórias, saberes e necessidades de suas integrantes, tendo as danças brasileiras sido incorporadas em 2003. Desde 2009 é conduzido por uma professora com tal formação, moradora da região e atualmente graduanda em “educação física e saúde” (USP).

O grupo proporciona distintos encontros: entre as participantes, destas com a Casa e a região e para além dessas. Aprendizagens de um cuidado partilhado, de si e do outro, pela experimentação do corpo com ritmos, canto, composição de canções e coreografias, apresentações pela cidade e gravação de CD. A permanência destas mulheres na Casa, considerada um dos “quilombos” da região, remete à potência de produzir coletivamente cuidado, proteção e defesa de povos, valores e vidas em sua singularidade. Em aliança com outros integrantes, moradores e não moradores da região, inventam modos de viver e resistir às permanentes tentativas de desmonte da Casa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É premente produzirmos “presença” que abra visibilidades para as invenções cotidianas, opondo-se às ações fragmentadas e moralizadoras da saúde nos territórios, especialmente os considerados vulneráveis. As “práticas corporais” são potentes porque encontram com outras racionalidades, saberes e linguagens, favorecendo diálogos com a vida do outro ao enfatizarem o vínculo, a corresponsabilidade e ações mais cuidadoras. Abrem-se visibilidades de que o território não se restringe ao componente geográfico. Há muito a aprender nos territórios e esta Casa oferece pistas sobre modos de compor relações mais solidárias, partilhadas, na diferença e em ato.

## REFERÊNCIAS

- FEUERWERKER, L.C.M. *Micropolítica e saúde: produção do cuidado, gestão e formação*. Porto Alegre: Rede Unida, 2014.
- MENDES, V. M.; CARVALHO, Y. M. *Práticas Corporais e Clínica Ampliada*. São Paulo: Hucitec, 2016.
- ROLNIK, S. *Cartografia Sentimental*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

